

PERCEPÇÕES, VIVÊNCIAS E NOÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL: um estudo no IFPB Cabedelo/PB

FELIX, Vanessa da Silva Lima¹
BRITO, Carla Pessoa²
RUFFO, Thiago Leite de Melo³

RESUMO: A educação sexual enfrenta desafios devido a questões ideológicas, culturais ou religiosas, que podem se tornar barreiras, gerando insegurança para aqueles sem uma base sólida e resultando em dúvidas e questionamentos transmitidos. Nesse contexto, esta pesquisa visa compreender as percepções, vivências e noções de educação sexual dos alunos de maior idade do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas do IFPB Cabedelo. Para a realização deste resumo, aplicou-se uma adaptação de um questionário com base em Abreu (2010), respondido por 32 estudantes. Foi observado que, apesar de muitos alunos afirmarem ter um certo nível de informação sobre educação sexual, uma parte significativa ainda se considera suscetível a contrair Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) ou acredita ter recebido informações errôneas sobre o tema ao longo da vida. Isso os torna vulneráveis a questões como identificação de abusos e risco de contrair ISTs, resultado da falta de educação sexual adequada na infância e adolescência, tanto em casa quanto na escola. Os dados sugerem que a educação sexual deve ser ampliada além das aulas de ciências, abordando-a como uma temática cultural transversal, sendo obrigatória conforme os parâmetros curriculares nacionais.

PALAVRAS-CHAVE: sexualidade; ciências biológicas; educação em saúde; saúde pública; licenciatura.

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é reconhecida como uma das fases cruciais para o desenvolvimento individual, marcada por descobertas e questionamentos, que abrangem tanto o autoconhecimento quanto a percepção do mundo ao seu redor. Além disso, é nesse período que muitos jovens iniciam sua vida sexual, representando um marco significativo nessa etapa da vida (Costa *et al.*, 2001; Moreira *et al.*, 2008).

Entretanto, o início dessas práticas nem sempre ocorre de forma adequada, frequentemente sendo iniciadas de maneira precoce por crianças e

¹ Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPB, *Campus* Cabedelo, felix.vanessa@academico.ifpb.edu.br

² Graduanda em Licenciatura em Ciências Biológicas, IFPB, *Campus* Cabedelo, carla.pessoa@academico.ifpb.edu.br

³ Doutor em Educação, Professor do Instituto Federal da Paraíba, IFPB, *Campus* Cabedelo, thiago.ruffo@ifpb.edu.br

adolescentes, em muitos casos devido à disseminação em larga escala de informações não confiáveis sobre o assunto. Essa realidade pode resultar em traumas e problemas físicos e psicológicos ao longo da vida, afetando o desenvolvimento e interferindo diretamente na vida adulta (Borges, 2004).

Esses episódios poderiam ser evitados com a educação sexual, que tem como objetivo fornecer conceitos e proporcionar conhecimentos relacionados à sexualidade, questões de gênero, o autoconhecimento do próprio corpo e desmistificar informações interligadas ao mesmo, não se limitando apenas ao ato sexual, como muitas pessoas acreditam.

Existem ainda muitos desafios a serem superados no que diz respeito à educação sexual, pois questões ideológicas, culturais ou religiosas podem se tornar barreiras nesse processo, gerando insegurança para aqueles que não têm uma base sólida, resultando apenas em dúvidas e questionamentos transmitidos.

Considerando essa temática, o presente trabalho tem como objetivo compreender as percepções, vivências e noções de educação sexual dos discentes maiores de idade do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus Cabedelo.

2 METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com os alunos maiores de dezoito anos do IFPB, campus Cabedelo, sendo eles discentes do curso superior de Licenciatura em Ciências Biológicas, abrangendo todos os períodos.

O trabalho se caracteriza como uma pesquisa de levantamento, posto que as pesquisas deste tipo "basicamente, procede-se à solicitação de informações a um grupo significativo de pessoas acerca do problema estudado para, em seguida, mediante análise quantitativa, obterem-se as conclusões correspondentes aos dados coletados" (Gil, 2002, p. 50).

Para realizar a pesquisa, foi aplicado um questionário adaptado de Abreu (2010), utilizando a ferramenta online Google Forms, garantindo total anonimato, confidencialidade e proteção dos dados dos participantes.

O projeto foi previamente avaliado e aprovado pelo comitê de ética, permitindo a realização da pesquisa com a aplicação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), juntamente com o questionário. O período de coleta de

dados ocorreu entre 23 de março e 24 de agosto de 2023, com a participação total de 32 discentes.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com relação ao perfil do público desta pesquisa, tratando-se de gênero, majoritariamente foram identificadas mulheres cis, compondo 56,2% do estudo, seguido de 34,4% de homens cis e 9,4% de pessoas que se identificam como não-binário. Quanto à orientação sexual, 56,3% se identificaram como heterossexuais, 9,4% de homossexuais, 28,1% bissexuais, 3,1% panssexuais, 3,1% asexuais 3,1% demissexuais e 3,1% optaram por “Prefiro não responder”. A faixa etária dos discentes variou entre 18 e 56 anos, o que nos possibilitou observar as diferenças de faixa etária, desta forma, podemos obter uma maior possibilidade de respostas baseadas em suas vivências. Além disso, a inclusão de estudantes do 1º ao 8º período de ciências biológicas também contribuiu para a diversidade de dados obtidos.

No que diz respeito à vida sexual, a maioria dos participantes relatou ter uma vida sexual ativa, representando 68,8% do total, enquanto 28,1% dos discentes afirmaram não ter atividade sexual e 3,1% preferiram não responder. Em relação à orientação ou educação sexual recebida durante a infância/adolescência, 56,3% dos alunos afirmaram ter obtido alguma orientação, embora em quantidade considerada insuficiente. Por outro lado, 25% dos participantes relataram não ter recebido nenhum tipo de informação ou orientação, seguidos por 12,5% que afirmaram ter recebido bastante orientação e apenas 6,3% que não se recordam se receberam alguma orientação. Esses resultados indicam que uma minoria dos participantes recebeu uma quantidade significativa de orientação sexual, enquanto a maioria recebeu pouca ou nenhuma informação, evidenciando as barreiras existentes em torno do tema e a falta de conhecimento entre os discentes.

Dando seguimento às questões colocadas, 53% afirmaram já ter participado de algum curso, seminário, programa ou aula sobre educação sexual, enquanto 31% não receberam e 15% não se recordam se isso ocorreu. E quando questionados por quais meios os mesmos receberam essas informações, grande parte, composta por 72% informaram que receberam durante o ensino fundamental,

sendo os outros meios, obtidos por eventos públicos/científicos 16,7%, em serviços de saúde 38,9%, assim como, em TVs ou programas de rádio e cerca de 27,8% obtiveram essa informação apenas durante o ensino superior, o que por sua vez, mostra o quão grande é o déficit de informação ligada à educação sexual e que muitas vezes a mesma somente é obtida por meio de fontes dispersas e por acaso. Em vista disso, por não estarem informados, é adquirido como consequência a disseminação de informações incorretas aos possíveis conhecidos, além de somar com os comportamentos onipotentes que são característicos da fase da adolescência, unidos com os possíveis preconceitos, contribuem para que os sujeitos estejam vulneráveis a riscos (Costa *et al*, 2001).

Por conseguinte, com relação ao nível de abertura para o diálogo sobre temas relacionados à sexualidade no seu ambiente familiar, houve um empate acerca das respostas, entre as alternativas “Aberto” e “Nem fechado, nem aberto”, ambos correspondem a 32,2%. Em sequência, 22,6% afirmam possuir ambiente fechado, 9,7% muito aberto e 3,2% muito fechado. A família está diretamente ligada à formação dos indivíduos, dito isso, ela possui um papel primordial a respeito da temática, de forma que se deve proporcionar uma educação sexual que se “pressupõe a busca de uma sexualidade emancipatória, ou seja, uma sexualidade gratificante, socialmente livre e responsável, subjetivamente enriquecedora concebida como parte integrante e essencial da vida humana” (Araújo, 2015, p. 17).

Porém, o mencionado está muitas vezes distante da realidade de diversos indivíduos, visto que há uma falta de abertura por parte responsáveis devido às mais variadas questões, entre elas, pode-se citar o desconforto em abordar a temática, visto que há certo constrangimento, até um incômodo, ao se abrir espaço para o diálogo, com isso, há a omissão de determinadas informações, além de atitudes que ocasionam em ansiedade para os filhos e sentimentos conflituosos, de forma a conter as dúvidas e questões próprias para si. A atitude, muitas vezes, está ligada a própria educação obtida pelos pais, visto que, possivelmente, não se foi vivenciado uma educação sexual emancipatória, de maneira a se estabelecer um ciclo, sendo reproduzido os valores e atitudes que foram observados dentro da sua geração (Gonçalves; Faleiro; Malafaia, 2013).

Quanto ao nível de conhecimento que os discentes possuem referente à temática de educação sexual, 59,4% consideram possuir um conhecimento médio a respeito do mesmo, 28,1% acreditam possuir um alto nível,

6,3% dizem obter um conhecimento muito alto, e 6,3% um conhecimento baixo. Relativo à questão de níveis de exposição à IST's que os discentes acreditam estar, em maior parte, com 59,4%, acreditam possuir um grau muito baixo, 25% um grau baixo, 9,4% um grau médio, enquanto 6,2%, acreditam possuir um grau alto ou muito alto de exposição.

Ao analisar a questão sobre se acreditam que em algum momento receberam informação errada sobre educação sexual, 56% deles não se recordam, 21,9% afirmam que sim, enquanto 21,9% disseram não ter adquirido. O questionamento aqui levantado objetivou compreender se há de fato veracidade diante das informações adquiridas quando se trata de educação sexual, sabendo que por existir diversos tabus que a rodeiam, a sua forma de obtenção acaba por ser limitada. E, por sua vez, de fontes que nem sempre são tão confiáveis, podendo desta forma disseminar conteúdos que interfiram de maneira negativa na vida desses indivíduos, podendo ser usado como referência o fato de que, segundo Saito e Leal (2000), as Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST's), se relacionam e podem estar ligadas de forma direta ao que se diz respeito à disseminação indevida de falsas informações.

Portanto, foi possível observar que apesar de grande parte dos discentes afirmarem possuir um certo nível de informação, correspondendo a um fator satisfatório, ainda assim, uma parte significativa ainda se considera suscetível a contrair uma IST, ou acreditam que receberam informações errôneas a respeito do tema ao longo de sua vida, desta forma, os discentes se apresentam vulneráveis, desde as questões relacionadas à identificação de possíveis abusos até o risco possível de contrair uma IST, que provém de uma ausência de informações obtidas e a negligência de um suporte reforçado, com a falta de uma educação sexual emancipatória ao longo da sua adolescência e infância, seja no ambiente familiar ou escolar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa se mostrou satisfatória, apesar de não atender às expectativas com relação ao número de participantes, o qual acreditamos que provém dos mais diversos motivos, como, por exemplo, questões vinculadas ao tabu e constrangimento com o conteúdo. Porém, diante dos dados obtidos e analisados,

foi possível notar que a maior parte dos discentes não possuem informações suficientes e nem uma assistência ao longo da sua vida no que se refere à temática de educação sexual, assim, foi observado que essa maioria significativa recebe informações de fontes dispersas, apesar de ser considerado pelos discentes como importante o diálogo quanto ao assunto em âmbitos familiares e educacionais.

Por fim, observa-se que é necessário abranger a educação sexual para além da disciplina de ciências, principalmente por se tratar de uma temática transversal, a partir de uma perspectiva culturalista, sendo uma disciplina obrigatória pelos parâmetros curriculares nacionais. Dessa forma, é fundamental entender todas as suas esferas sociais, de maneira a compreender que a sexualidade permeia para além do corpo humano, procurando propagar informações verídicas e de qualidade aos estudantes, oferecendo o devido subsídio necessário aos professores.

5 AGRADECIMENTOS

Agradecemos o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, *campus* Cabedelo (IFPB), a partir do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBIC), que proporcionaram a realização da presente pesquisa.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. V. S. de. **O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa.** Cuité, 2015 45f. Trabalho de Curso (TCC) – Universidade Federal de Campina Grande, *campus* Cuité, 2015. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/8827>.

BORGES, A.L.V. **Adolescência e vida sexual:** análise do início da vida sexual de adolescentes residentes na zona leste do município de São Paulo. 2004. Tese (Doutorado em Saúde Pública) - Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-407045>

COSTA, M. C. O. et al. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Pediatria, n. 77 (supl. 2), p. 217-224, 2001. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-315117>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G.. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **Revista Holos**, v. 29, n.5, 2013. Disponível em: <http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/784>

MOREIRA, T. M. M.; VIANA, D. S.; QUEIROZ, M. V. O. JORGE, M. S. B. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo: USP, v. 42, n. 2, p. 312-320, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reuusp/a/gcHQXmkrgrnCP553QRjtqKKn/abstract/?lang=pt>

SAITO, M. I.; LEAL, M. M. Educação sexual na escola. **Pediatria**, v. 22, n. 1, p. 44-48, 2000. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/lil-279804>